

Dívida e superávit entram no debate eleitoral

Ciro, que já defendeu reestruturação, diz ter compromisso com superávit. Mercadante afirma que meta maior teria custo social

Ricardo Galhardo, Letícia Helena
e Claudia Lamego

• SÃO PAULO E RIO. Depois que o petista Luiz Inácio Lula da Silva prometeu manter a meta de superávit primário do atual governo e o candidato da Frente Trabalhista, Ciro Gomes, defendeu a reestruturação da dívida, o debate sobre dívida e superávit entrou definitivamente na campanha eleitoral. O deputado petista Aloizio Mercadante, do grupo de economistas do PT encarregado do programa de governo de Lula, disse ontem que, diferentemente de países como Bélgica, Itália, Irlanda e Canadá, que têm taxas de superávit primário superiores aos 3,75% do PIB aprovados pelo Congresso, o Brasil enfrenta sérios problemas sociais que necessitam de mais investimentos do governo e, portanto, inviabilizam a previsão de verbas maiores para o abatimento da dívida pública.

Em sua coluna de domingo no GLOBO, a jornalista Miriam Leitão listou uma série de países com superávit primário maiores que o brasileiro, entre eles a Bélgica (6,5%), a Grécia (6,3%) e o Canadá (5,7%). Todos conseguiram reduzir suas dívidas usando uma única fórmula: gastando menos do que arrecadam para inverter a curva da dívida. Entrevistado pela colunista, o economista Fábio Giambiagi sustentou que o Brasil não precisa reestruturar sua dívida. Para ele, basta que o país mantenha o ajuste fiscal.

O petista Mercadante faz uma ressalva:

— Realmente, alguns países têm metas de superávit maiores. Mas o Brasil vive uma situação social dramática com o maior desemprego dos últimos 20 anos e violência sem precedentes. Um superávit maior teria um custo social elevadíssimo — disse o petista, lembrando que o PT votou a favor dos 3,75% no Congresso.

Para Ciro, manter o superávit primário em contas públicas é uma medida que os bons administradores praticam:

— Para mim, isso é um norte de vida. Porque superávit é quanto você tem de investimento, e o bom administrador é aquele que tem dinheiro para enfrentar o problema da saúde, da educação e da segurança. Eu tenho um compromisso com o superávit. O que não tem força humana que me imponha é dizer qual é o nível de superávit para fazer face a esse modelo ruinoso que está produzindo a menor taxa média de crescimento econômico do último meio século no Brasil.